

Um passeio pelo Alto Xingu

Exposição apresenta a imersão da fotógrafa Rosa Berardo em aldeias indígenas por seis anos. Com um olhar voltado para a cultura, o cotidiano e o comportamento desses povos, a fotojornalista acumulou um vasto acervo



Foto: Rosa Berardo/Quintaco

O contato com a natureza, o colorido dos adereços e os hábitos dos índios do Alto Xingu foram capturados pela lente de Rosa Berardo em suas dezenas de visitas às aldeias: fotos estarão expostas até fevereiro na Rede Sarah



» VANESSA AQUINO

Em 1985, quando a fotógrafa Rosa Berardo — na época, estudante de jornalismo — foi ao Xingu pela primeira vez, pôde acompanhar o líder indígena Ivaoni Mekturo e outras lideranças realizarem o Kutarup na aldeia Yawalapití, cuja finalidade, além da homenagem aos mortos, era chamar a atenção dos políticos para a necessidade de defesa das causas indígenas. Essa experiência seria o início de uma imersão em aldeias e de registros em fotografias que compõem a exposição *Xingu: Tradição e modernidade*, em cartaz no Hospital Sarah, até 19 de fevereiro.

Muitos fotógrafos, de diversas partes do Brasil e do exterior, estavam na cerimônia. "A credencial para entrar no Parque Nacional do Xingu era bastante concorrida e eu, ainda estudante de jornalismo naquela época, só consegui entrar com muito malabarismo. A ideia de fotografar índios era quase uma obsessão, pois, durante um ano, trabalhei na catalogação de fotos indígenas num museu de antropologia e, a cada imagem que catalogava, a imaginação me transportava para as aldeias", relata Rosa.

Quando conseguiu autorização para entrar no Parque, preparou a máquina manual, as objetivas e os rolos de filme. Ela lembra que, nas aldeias, só era permitido fotografar quando o chefe Aritana autorizava. "Os fotógrafos saíam em bandos, se empurrando, disparando o obturador e suas ansiedades por todos os lados. Tentei realizar alguns registros, mas aquele clima antropológico me angustiava. Se as pessoas acreditam nos estereótipos de índios perigosos ou canibais, é porque não conhecem bem a variedade de alguns jornalistas. O estresse para se obter a melhor imagem, com a maior rapidez possível, faz com que a maioria dos fotógrafos se esqueça da relação de respeito entre a pessoa fotografada e aquele que dispara sua câmera."

Rosa, então, entregou-se a um exercício solitário. "Voltei meu olhar para outros lados, esqueci os rituais e comeci a ver detalhes do dia a dia, da cultura, do comportamento dos índios. Tudo me sensibilizava muito: as diferenças culturais e físicas, os valores. Pensar que pessoas geneticamente semelhantes podem viver de maneiras tão diferentes e serem felizes seguindo seus princípios, suas crenças, seus valores culturais."

Privilégio

Ao voltar para casa, Rosa revelou as fotografias e resolveu não vender ou publicá-las. Procurou os índios na Funai, em Brasília, e explicou a preocupação em registrar a cultura deles antes que tudo mudasse. Atentos e conscientes dessa problema, eles concordaram e autorizaram a



Programa-se

Xingu: Tradição e modernidade
Até 19 de fevereiro. Hospital Sarah Centro (SMHS 50), Conjunto A, Térreo
Entrada franca
Classificação indicativa: livre

fotógrafa a percorrer as aldeias e a realizar os registros fotográficos. Esse privilégio permitiu a Rosa transitar pelas aldeias do Alto Xingu durante seis anos. Ela ia e voltava, passando períodos de 30 a 40 dias sozinha nas aldeias, duas a três vezes por ano.

"Seria impossível dizer o quanto aprendi. Talvez a maior lição tenha sido a de respeitar as diferenças, de entender o quanto aquilo que nos ensinam nas escolas sobre o 'outro' é carregado de mentiras e ideologia. Pude ver também que é muito simples para um fotógrafo apontar sua câmera só para aquilo que gosta ou que julga que as pessoas ficariam contentes em ver e, assim, mascarar uma realidade de brusco contato de aculturação, como essa que presenciei", conclui.

 apresenta

Espaço Chatô
LUGAR DE CULTURA



EXPOSIÇÃO
Sentidos da arte
por Fernanda Curado

A obra executada por Fernanda Curado contém uma intensa preocupação em enaltecer a mulher com referências a sua beleza, graciosidade e elegância. Seus trajes revelam sua origem e cenas do cotidiano. As mulheres construídas pela artista mostram um alto grau de sensibilidade, afetividade e sexualidade feminina. Ela enfoca a elegância da mulher negra com seus trajes típicos, a obra-prima dos torços enrolados na cabeça. Mostra um universo negro em toda sua exuberância enobrecendo o ser humano. Quando se refere a cenas do cotidiano, a mulher ou grupo de mulheres está sempre envolvida por uma áurea de luz e energias. (Gildred) Ana Monteiro - Curadora

Aberta ao público de 10 de novembro a 4 de dezembro de 2015, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, no Espaço Chatô.

SIG, Quadra 2 • Sede do Correio Brasiliense • Informações: (61) 3214-1350
espacochoato www.fabrazil.org.br

Apoio: **C.ARTE** Apoio Institucional: **DIÁRIOS ASSOCIADOS** Realização: **FUNDASSIS CHATEAUBRIAND**